

E MAIS...

2 EDITORIAL
Liberdade

3 ÍDISH
A farguenign!
MIRIAN GARFINKEL

4 ALEMANHA
Entre o Estado e a tradição
RENATO MAYER

5 CRÔNICA
Um bibliotecário escravo
PAULO BLANK

10 PESSACH
Estar juntos

11 NOTAS

O século de Tel Aviv

A orla de Tel Aviv vista de Yafo



Reprodução

Jacques Gruman Páginas 6 e 7

Henrique Veltman Página 8

Fany Sechter Ruah Página 9



PRÉ-SEDER LAICO



Dia 5 de abril, domingo, no auditório

- Hagadá interativa, com a colaboração do psicanalista Paulo Blank
- Participação do Coral da ASA
- Jantar com comidas típicas

Os ingressos só serão vendidos antecipadamente.

Informações na secretaria (2539-7740 ou 2535-1808, das 9 às 18 horas)

Estacionamento (pago) no local



Liberdade

A ASA tem organizado celebrações de Pessach dentro da tradição laica do judaísmo. A liberdade, o grande tema desta que é a mais popular das festas judaicas, não é uma dádiva da natureza, mas consequência de lutas e sacrifícios. Os próprios hebreus, ao saírem do Egito, tiveram dúvidas se valia a pena serem homens livres. Pediram a Moisés para retornar ao domínio do faraó: lá, ao menos, tinham comida, cama e um dia seguinte previsível. Bateu o medo do desconhecido, e não foi nada fácil fazê-los quebrar os grilhões internos. Levou 40 anos para que surgisse uma geração capaz de se construir em liberdade.

O público tem aceito muito bem os nossos *sedarim*. Existe uma demanda por atualizar os significados da muitas vezes secular cultura judaica. Este ano, inovaremos, aumentando a interatividade e apostando na comunhão com a memória afetiva.



Nem sempre, porém, somos bem compreendidos. Como disse uma importante judia polonesa, “liberdade é sempre e exclusivamente a liberdade daquele que pensa diferente”. Ignorando isso, já houve quem tentasse censurar, com base na ortodoxia religiosa, a denominação “laica” que damos às nossas celebrações. Percebemos a mesma intolerância na agressividade com que alguns leitores, felizmente poucos, reagiram à nossa posição sobre o recente ataque israelense à Faixa de Gaza.

Outra passagem importante na história do Pessach é a que sugere que todos devemos nos sentir como se também tivéssemos saído do Egito. Não é apenas um apelo à memória, mas um chamado para que sejamos solidários no desejo de liberdade. Não apenas a liberdade formal, consagrada em códigos legais, mas aquela que respeita as incontáveis diferenças da tribo humana.



Dinheiro público mobilizado para salvar da ruína empresas privadas, socialização dos prejuízos e privatização dos lucros, perspectiva de 51 milhões de novos desempregados no mundo em 2009, xenofobia em alta, investimentos em queda. A “marolinha” promete muitas emoções este ano.

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretor de Comunicação/Divulgação Jacques Gruman

Diretora Cultural Clara Goldfarb

Diretor de Memória Marcos David Somberg



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro

Regente Claudia Alvarenga



Estes dançam



Estes cantam

E você? Vai ficar só apreciando?

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30

AULAS DE ÍDISH - Toda segunda, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças, às 15h30

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

A farguenign!

Mirian Garfinkel / Especial para ASA

Há inúmeras formas de se escrever sobre algo que nos dá prazer.

Há, porém, poucas expressões que podem resumi-las de forma tão precisa quanto a *farguenign* (um prazer), que expressa tudo isto e mais alguma coisa, em ídish!

Sim, nesse ídish, *doce mame loshn* (língua mãe) que para o momento continua a ser uma língua de comunicação viva e afetiva entre um número de pessoas tão aficionadas que se poderia incluir o recém-nascido ao ouvir de alguém que, ao vê-lo, exclama: *Oi* (intraduzível), *vi shein* (que bonito)!

É fato que a língua ídish ocupa um espaço não só no que se refere à cultura judaica, mas também no que diz respeito a um período marcado indelevelmente na história do homem.

Há uma gama de fatores que nos remete aos rumos desta língua trazida ao Brasil em diferentes períodos por imigrantes cuja função maior era manter vivas vidas vividas, mesmo que, com o passar dos anos, a aculturação fosse um fato. Difícil mesmo era superar a vontade de perguntar, em ídish, a confirmação do que foi conversado: *Nu, host du farshtanen?* (então, você entendeu?)

Sua existência e seu futuro estão nas respostas sobre por quem, por que e para que é utilizado, surpreendendo, no entanto, aqueles que à simples referência ao ídish ouvem a seguinte exclamação: Puxa, eu queria tanto aprender!

Mas o que faz com que o aparente desejo das pessoas fique paralisado na expressão?

Fatores existem, inúmeros, assim como diferentes explicações. Na perspectiva de uso, pela necessidade pragmática de comunicação, o ídish, passou a ser substituído pelo português, sem que fosse esquecida a importância do falar, entender e escrever o ídish, como compromisso de resgate de experiências de gerações: *Me tor nisht*

farguessn (não podemos esquecer) o que vem sendo feito, *mit dem gantsn kúved* (com todo o respeito) pela ASA há quatro anos, aproximadamente!

Passo a passo, analisemos a química desta iniciativa com um olhar atento: a persistência da ASA em procurar alguém para liderar o processo, para poder ser coerente com sua persona institucional; a abertura do espaço aos interessados, colocando à disposição uma infraestrutura de conforto para o desenvolvimento dos encontros e, o mais significativo, a formação do grupo, que vem crescendo nas reuniões-aulas em que a língua ídish é tratada através de assuntos de interesse

Não há fórmulas mágicas. São indispensáveis estudos e iniciativas pró-ativas.

dos participantes, incluindo uma visita à História Judaica nos textos originais de Shimon Dubnow.

O que realmente a ASA propicia é um espaço não só de estudo como de diálogo entre pessoas comprometidas com o encontro semanal, desafiadas em resgatar o estar em comunidade, que, segundo o filósofo Martin Buber, “permite ao indivíduo relacionar-se com o próximo em termos de EU – TU, e não em termos de EU – ISTO”, como também oportunizar uma pertinência que transcende a obrigação, favorecendo uma práxis do ídish por todo aquele que gosta de estar junto, em afinidade, onde, ainda com Buber, “os membros formam um ‘nós’ e não, meramente, um ‘a gente’”.

O estudo da língua ídish é um compromisso com a vida. O suspirante *Oi!* precisa ser resignificado por um alegre *es*

iz a meháie (é uma delícia), e, retornando a nossas raízes com Hilel ao explicar o judaísmo quando questionado: “ame seu vizinho como a si mesmo, o resto é comentário”; ...o que nem todos relembram é o complemento desta frase, “agora vá e estude”. Mudança não é um processo epidérmico. Mudança é atitude, fundamentada por pesquisa e estudo...

Há uma riqueza de raízes a alimentar, espiritual e intelectualmente, nas diferentes comunidades espalhadas pelo mundo. Entre essas raízes reconhece-se o ídish pela sua literatura, arte musical e cênica, pelo espaço que ocupa no mundo judaico e pelas possibilidades de resgate de seu texto e contexto. Não há fórmulas mágicas. Há pertinência. São indispensáveis estudos e iniciativas pró-ativas, pensadas e promovidas por pessoas com *ófene kep* (cabeças abertas)...

Reconhecendo relações que o sociólogo Zygmund Bauman identifica como líquidas, “que se estabelecem com extraordinária fluidez, que se movem e escorrem sem muitos obstáculos, marcadas pela ausência de peso, em constante e frenético movimento”, em que Ter é mais do que Ser, a língua (qualquer que seja) também vai passar pelo crivo do seu valor social.

Assim sendo, mesmo que as condições de produção e circulação do ídish fiquem restritas aos que já o dominam, é imperativo estar alinhado, tal como a ASA já vem fazendo, com o que David Crystal, especialista no idioma galês, recomenda: “estimular um interesse maior por todas as línguas minoritárias, mesmo que não se encontrem ameaçadas em um sentido global”, para que este patrimônio não escape entre os dedos e depois só nos reste comentar que “*es iz alts farfaln*”... (está tudo perdido...). ■

Mirian Garfinkel é professora universitária.

Entre o Estado e a tradição

Renato Mayer / Especial para ASA

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a população judaica na Alemanha Ocidental girava em torno de 30 mil pessoas, metade natural do país e a outra, imigrada do Leste Europeu. Na Zona de Ocupação Soviética, transformada em 1949 na República Democrática Alemã (RDA), contavam-se como judeus um décimo desse total. Muitos haviam vindo dos exílios mais diversos, como o intelectual e amigo de Freud Arnold Zweig, de Israel; a novelista Anna Seghers, do México; os pais da escritora Barbara Honigmann, da Inglaterra; o brigadista internacional Norbert Kugler e o médico e também brigadista Bernhard Littwack, da França.

Tinham em comum a origem alemã e o sonho de reconstruir das cinzas um novo país, socialista e democrático. Sua militância política contava mais do que a identidade judaica e isso era boa água para o moinho do novo Estado. A linha política da RDA foi, desde o início, enfatizar que o nazismo perseguira todos os socialistas e comunistas, buscando sempre *dessingularizar* do Holocausto os judeus, de modo que estes não se destacassem enquanto vítimas e perpetuassem sua marginalização como grupo sem lugar na nova sociedade alemã. No país onde se concebeu o Holocausto, nunca houve qualquer discussão pública sobre o envolvimento do povo alemão no mesmo.

A atividade religiosa e o registro voluntário como membro da comunidade eram, portanto, desencorajados, na medida em que os adeptos poderiam fortalecer uma identidade particular, independentemente de crença ou não no sistema. A pressão para se abandonar o judaísmo foi reforçada nos anos 1950. O antisemitismo não desapareceu, embora condenado na Constituição e, nos anos imediatamente anteriores à morte de Stalin, muitos judeus foram afastados de importantes cargos políticos e acadêmicos que ocupavam, além de obrigados a assinarem conhecidas

denúncias públicas de equiparação do sionismo ao fascismo. Embora, em 1956, vários tivessem sido reincorporados a seus cargos e a pressão houvesse diminuído, manter vínculos regulares com as organizações judaicas continuava podendo parecer não estar completamente assimilado ao ideal comunista.

Em consequência, a comunidade judaica experimentou, ao longo dos anos, um *Schrumpfung*, termo então politicamente utilizado para significar encolhimento. Ao final da década de 1970, havia menos de 800 judeus registrados na Federação das Comunidades Judaicas (oito, ao todo), 90% idosos, a maioria com um passado

Nunca houve discussão pública sobre o envolvimento do povo alemão no Holocausto.

de militância ou resistência reconhecida ao nazismo. Eram cerca de 600 quando caiu o Muro, em 1989.

Por essa época, as sinagogas em Berlim Oriental, Magdeburg e Leipzig haviam sido reconstruídas com ajuda do Estado, assim como novos locais de oração erigidos em Dresden e Erfurt. Somente a da capital, porém, mantinha serviços regulares nas sextas e sábados, sem rabino. O silêncio dos que preferiam integrar-se inteiramente como alemães e comunistas “de origem judaica” e a ausência de práticas ameaçavam tanto a herança como a continuidade da religião, sustentada por um número muito pequeno de indivíduos, a despeito da existência formal das instituições. A escritora Barbara Honigmann, nascida e criada na Alemanha Oriental, testemunha que, logo após a guerra, seus pais se registraram na Comunidade Judaica de Berlim, mas a deixaram na década seguinte. O passado jamais foi assunto de discussão em casa.

O governo da RDA nunca se dispôs a indenizar e compensar as vítimas do nazismo, como passou, a partir de 1952, a fazer a Alemanha Federal. Alegava que, sendo um Estado antifascista, não tinha responsabilidade legal ou moral pelas políticas do regime nazista. Nos últimos anos de sua existência, no entanto, reviu essa postura, promovendo uma política de reconciliação com as comunidades judaicas, o que incluía disponibilidade de fundos para restauração de sinagogas e cemitérios, uma atitude mais benevolente em relação à música e à cultura judaicas e até mesmo a autorização para que um rabino americano viesse a prestar serviços em Berlim Oriental (o qual chegou em 1987, mas acabou desentendendo-se com a liderança comunitária). Uma vida judaica ativa e vigorosa provaria ao mundo que a RDA se tornara de fato a nova Alemanha antifascista; adicionalmente, acreditava-se que facilitaria a melhoria das relações diplomáticas e comerciais com os Estados Unidos.

Com a reunificação alemã, as comunidades de Berlim Ocidental e Oriental se fundiram a partir de 1º de janeiro de 1991, a de Schwerin, mínima, foi dissolvida, e se criou uma nova em Potsdam, permanecendo as seis restantes. Um novo horizonte, de expansão e liberdade, abriu-se, permitindo que uns 4 mil cidadãos do Leste de origem judaica não registrados nas antigas comunidades fizessem o seu “retorno”. A população judaica na Alemanha unificada saltou rapidamente para 200 mil pessoas, mas isso se deveu ao influxo de judeus imigrantes da União Soviética, sob uma quota que lhes garantia status especial de refugiados. Uma nova face se imprimia no judaísmo da Alemanha, um novo capítulo que ainda está por se concluir. ■

Renato Mayer, economista, é colaborador do Boletim ASA.

Um bibliotecário escravo

Paulo Blank / Especial para ASA

Sentados ao redor da mesa de jantar e deixando o pensamento vagar por diferentes assuntos, os amigos aproveitavam a noite fresca da casa em Botafogo quando alguém, achando a conversa um tanto vadia, infiltrou uma palavra-bomba disfarçada de pergunta inocente. Permaneci calado e fingi que não era comigo. Existem assuntos que, na minha idade, evito discutir. Sem considerar o meu silêncio, uma delas correu atrás do meu olhar e, quando o encontrou, disse cheia de certeza que, em definitivo, entendeu o problema palestino depois de ter assistido a *Nossa música*, um filme do Godard. Concluindo que a razão de tudo era a falta de poetas em Israel, perguntou-me se havia por lá este tipo de gente. Respondi que aquilo já não era pergunta, era resposta e, dito isto, provoquei uma explosão que encheu a noite de gritaria, sendo as palavras sionismo e nazismo pitéus saboreados com raro prazer, apesar da sobremesa tão elogiada. Um dos presentes, antropólogo recém-chegado do estrangeiro, quando foi possível, comentou que em suas viagens pelo mundo cansou de ver este assunto, o conflito Israel-palestinos, tirar do sério muito intelectual de renome, tornando-os incapazes de qualquer julgamento equilibrado.

Em plenos anos dourados, eu era um garoto que brincava carnaval no bloco de sujos e corria com a meninada sobre o chão de pé-de-moleque na vila em que vivíamos, na Rua de Sant'Anna, Praça Onze. Ali, bem no centro do Rio, volta e meia me perguntavam por que não me benzia quando passava um enterro. Quando a minha mãe, uma refugiada da Polônia, me pegou tentando dar uma resposta, vaticinou com ar de quem conhecia aquela prova: "Não adianta, eles não vão te entender." Ou seja, ela me dizia que existem situações em que a razão não funciona. O ouvinte, prisioneiro de alguma crença, não consegue alcançar o entendimento do outro. O outro, enfim, deixa de fazer diferença, faça ele o que fizer. Talvez tenha

Reprodução



Malhação do judas, na década de 1940

Alguém infiltrou uma palavra-bomba disfarçada de pergunta inocente.

sido por isso que a Sarita, quando quis aderir à malhação do judas, foi afastada – por ser judia e assassina de Deus. Enquanto isto, respaldado na sabedoria materna, eu só saía de casa no Sábado de Aleluia depois de ver o judas abandonado para acabar de arder bem em frente da nossa porta. Quando as labaredas terminavam e os ânimos se acalmavam, eu voltava à brincadeira na rua, passando por cima das cinzas que a mãe varreria no abrigo da noite.

Hoje, teimando em desobedecer à dona Malka, me pego pensando se as crianças da vila de Sant'Anna não estariam dramatizando um ritual simbólico no qual acusavam e puniam os judeus pelo crime de matar um Deus que – isso ninguém lhes contava – era tão judeu quanto Judas. Submetendo judas às pauladas e ao fogo, repetiam o que no passado fora feito aos judeus, vingando o assassinato de Deus. Trabalho mental e cultural onde as palavras precisam denunciar e disfarçar, com a ajuda de jogos e ritos, o mesmo ódio que alimenta e explode na mente de pessoas cultas e equilibradas, como aconteceu na

Europa culta e racionalista na Segunda Guerra Mundial? Pergunto se o Ocidente um dia conseguirá desfazer a judaização do judeu enquanto sinônimo de maldade. A palavra judiar (como os judeus fizeram a Cristo) não desvela uma cultura que fundiu maldade-satanás-judaísmo numa cadeia de significações cravada no seu inconsciente? No Pessach, os judeus não costumavam raptar um menino cristão e assassiná-lo com os mesmos suplícios do Deus-menino-Jesus? Na Sexta-feira da Paixão de Cristo, quando, depois dos sermões, o povo invadia o bairro judeu para vingar com sangue e fogo o eterno morrer e ressuscitar de Jesus, o que faziam não era tornar real o drama encenado na vila de Sant'Anna? Não foi Santo Agostinho (354-430) que, a propósito de Jesus e os judeus, ensinou que estes "coroaram-no de espinhos, aviltaram-no cuspendo-lhe na face, flagelaram-no, transpassaram-no com uma lança", acrescentando que, com "a sua dispersão e sua desgraça são um povo testemunha do demônio e da verdade cristã, subsiste para a salvação da nação cristã, mas não para a própria"? Criou assim a doutrina do Povo Testemunha. Os judeus deveriam sofrer sem ser destruídos para validar permanentemente a verdade da Igreja. Mas, ao ditar esta razão aceita e difundida ao longo dos séculos, Agostinho, sem perceber, equiparava o suplício dos judeus ao sofrimento do Jesus aprisionado, a quem eles reviviam em seus corpos submetidos à dor. Por fim, Agostinho completava a sua teoria do Povo Testemunha, dizendo que os judeus seriam o "bibliotecário escravo", carregador das antigas Escrituras, para provar que estas caducaram na medida em que o filho mais novo triunfara sobre o mais velho. Diante de tal imaginário cultural, quem sou eu para tentar conversar sobre um conflito que arranca as pessoas de seu equilíbrio racional em qualquer lugar do mundo ocidental e cristão?

Bem que a minha mãe me avisou. ■

Paulo Blank é psicanalista e escritor.



A minha estreia

Jacques Gruman / Especial para ASA

Ao Paulo Blank, vizinho de cima

Eu e Sara chegamos a Israel no início de setembro passado. Minha primeira vez. Fazia um calor carioca quando caminhamos da orla de Tel Aviv até Jafa. Com o crescimento urbano, Jafa se transformou num prolongamento do calçadão. É um espaço em restauração, as construções antigas ganham um banho de loja e, claro, valorizam-se em ritmo de especulação imobiliária (a gente conhece muito bem esse tipo de processo no Rio). Em torno da praça da Torre do Relógio, serpenteiam ruas maltratadas, com incontáveis lojinhas de “antiguidades” (quase sempre bugigangas que precisam de um garimpo paciente para revelarem, se a sorte permitir, um objeto mais interessante). Numa delas, o senhor Pinto.

Não sei o que chamou a atenção. As quinquilharias não pareciam diferentes das outras. No fundo da loja escura, com ar indiferente, um comerciante bigodudo. Não sabíamos, mas essa tocaia era parte da

estratégia. Bastou tocarmos numa menorá para cairmos na rede. Não respiramos três vezes e Natan Pinto, judeu turco, fluente em ladino, já estava ao nosso lado. Simpático, fingindo não estar nem aí, convenceu-nos da beleza daquele objeto, quem sabe uma relíquia, peça única e, maravilha das maravilhas, que ótimo preço! Não deu pé. Saímos dali com a menorazinha, orgulhosos do bom negócio... Não apostaria um shekel nisso. O bigodudo certamente contabilizou mais um par de trouxas no seu currículo. Grande lábia, grande Pinto.

Houve momentos em que nos sentimos em casa. Na cafeteria da Universidade de Tel Aviv, por exemplo, o som ambiente era Ari Barroso. Minas na Terra Santa. O segurança de lá, ao saber que éramos brasileiros, abriu um baita sorriso. Numa primeira página do *Haaretz*, notícias familiares: políticos corruptos, guerra de quadrilhas, violência brutal contra uma criança. Positivamente, estávamos em casa.

Ninguém conhece de verdade um lugar em doze dias. Só turista deslumbrado

pensa o contrário. Mesmo assim, deu para dissolver um mito: o de que os *sabras* são antipáticos, intratáveis. Não vi nada disso. Fomos tratados com cortesia e educação. O que não sabia era como os motoristas israelenses são nervosos. Parece piada um carioca falar de incivilidade no trânsito. Ocorre que em Tel Aviv buzina é um acessório tão indispensável quanto direção ou freio. Atreva-se alguém a titubear no trânsito e ouvirá uma sinfonia em tom irritante maior. De brinde, algumas palavras e gestos pouco amistosos. Um dia, vimos uma mulher tentando manobrar para sair de um estacionamento. Nisso, bloqueou por um tempinho o fluxo de veículos. O primeiro motorista da fila mandou ver: colocou a mão na buzina e gritou (ouvimos a tradução): “Será que a tua mãe comprou este pedaço da rua só para você?” O taxista que me levou até Kfar Saba, celular em punho, correu tanto que não faria feio em Interlagos. Detalhe importante: dirigia sem cinto de segurança. Ao passar por uma barreira policial, simulou colocá-lo. Onde será mesmo que já vi isso?

Voltando à Universidade de Tel Aviv. Dentro do campus, belíssimo, funcional e muito bem cuidado (que inveja, quando lembro que estudei no Fundão, um pântano abandonado pelo poder público), funciona o Museu da Diáspora. A seção de maquetes das sinagogas é impressionante. Como foi que se conseguiram as plantas de templos antiquíssimos, de lugares tão improváveis como Índia e China? Sei lá. As sinagogas europeias destruídas pelos nazistas nos lembram do que é capaz a estupidez humana. Mesmo para um judeu não-religioso como eu, é terrível pensar no destino daquelas obras de arte arquitetônicas, comparáveis às telas dos grandes mestres.

Ainda do campus, trago a lembrança do verde. Num país onde chove pouco, há em quase todo canto um cuidado grande com a natureza. Claro que existem regiões

Foto Sara Markus Gruman



Gato “montando guarda” na entrada do Museu da Diáspora

Fotos Sara Markus Gruman



Pinturas de Ludwig Blum (1891-1974) expostas no Museu do Palmach. À esquerda, “Rafi em Beersheva”, no centro, “Combatentes do Palmach”, e à direita, “Moshé Dayan, comandante de Jerusalém”

degradadas (como a decadente Rua Al-lenby), mas é comum esbarrar em jardins e gramados bem tratados, humanizando os espaços de convivência.

Dos bairros, o que mais gostei foi Neve Tsédek. Dos mais antigos de Tel Aviv, passa por reformas parecidas com as de Jafa. Ali também já bateu o olho gordo dos especuladores, e os imóveis estão com os preços nas nuvens. No meio do bairro, está sendo construído um espigão, de estilo totalmente diferente das casas e prédios baixinhos da vizinhança (olha eu me sentindo em casa novamente...). É o *pogréssio* chegando, mas ainda dá para curtir o clima de início do século passado que exala das ruas estreitas de lá.

Deu para perceber alguns problemas. Imigrantes da antiga União Soviética (os “russos”) – chegaram um milhão deles desde a década de 1980 – têm claras dificuldades de integração. No recém-inaugurado Museu do Palmach (força armada que foi uma das origens do Exército israelense), um deles, jovenzinho e com ar entediado, fazia uma segurança bem frouxa. Trabalho de baixa qualificação. Vi lojas em que tudo era anunciado apenas em russo. Canais de televisão a cabo onde se fala em russo, sem legendas em hebraico. Sinais de um fosso cuja dimensão ainda

não se delimitou. A mão-de-obra palestina vem sendo substituída por asiáticos e africanos, muitos deles em situação ilegal (o governo dá um jeitinho de fechar os olhos; em casa mais uma vez...). Vivem em condições precárias, e tive a impressão de que são apenas tolerados. Há um choque cultural e racial que pode desaguar... não sei onde. Como qualquer turista, evitamos lugares que nos disseram ser perigosos. Vários interlocutores informaram que a região da antiga estação rodoviária, por exemplo, é barra-pesada. A pobreza – cerca de 1 milhão e 600 mil israelenses vivem abaixo da linha da pobreza, quase metade deles crianças –, na impressão daqueles interlocutores, alimenta uma crescente sensação de insegurança.

Nas proximidades dos grandes hotéis da orla, de cadeias multinacionais, descobrimos um pedaço do *shtetl* ancestral. Ao lado de uma pracinha mambembe, começa o Shuk Hacarmel, a feira do Carmel. De repente, sai-se daqueles paredões de concreto e aparece uma feira-livre que tem de tudo. Adoradores de tomates, como eu, ficam hipnotizados. Ainda nos galhos, aos baldes (literalmente), é possível descobrir variedades que não se veem no Brasil varonil. Mais espantoso: produção local, num país carente de terras agricultáveis.

Pode? Alguns passos adiante, uma quantidade inacreditável de temperos, cheiros sedutores. E os “russos”. Ah, os “russos”... Não, eles não estão à venda. Habitam barraquinhas de enlatados importados especialmente dos países da ex-URSS, açougues e peixarias suspeitos (o cheiro, ali, não tinha nada de convidativo). Mesmo com meu hebraico pra lá de precário, os gritos dos feirantes soaram familiares. “Na minha mão é mais barato”, “pode chegar, freguês”. Será que lá também “moça bonita não paga, mas também não leva”? No meio do caminho, ruelas antigas, originalmente habitadas por judeus iemenitas. Uma balbúrdia que adoro. Guidon, o supervisor do restaurante do nosso hotel, ele também um “russo”, extremamente simpático, disse que, mesmo sem precisar, sempre dá um pulo na feira. Não foi difícil entender por quê.

Por fim, habitantes onipresentes na cidade. Gatos e corvos estão por todos os lados. Os gatos parecem ter o status das vacas na Índia. Intocáveis. Por quê? De onde vieram tantos corvos? Vou tentar descobrir, quem sabe, numa outra visita. ■

Jacques Gruman é diretor de Divulgação e Comunicação da ASA e colaborador deste Boletim.



Lembranças de Tel Aviv

Henrique Veltman / Especial para ASA

A editora pede, eu cumpro. Tel Aviv comemora seu primeiro centenário e eu mexo no meu baú de lembranças. Conhecida como a Cidade Branca, Tel Aviv é um rico exemplar de arquitetura moderna. Tem a maior concentração do mundo de prédios no estilo moderno internacional, mais conhecido como Bauhaus. A famosa faculdade alemã, que praticava a racionalidade e o funcionalismo na arquitetura, encontrou em Tel Aviv seu berço esplêndido.

A mãezona de Tel Aviv

Batya e Eliahu: parentes de minha primeira mulher, gente adorável, de antiga e honesta militância sionista. Ele chegou a ser *sheliah* de *aliá* no Brasil. Ela, desde adolescente *haverá* de um kibutz, jamais se adaptou à vida na cidade e aos costumes pequeno-burgueses. Batya saudosa, até, da carestia, do racionamento, dos tempos em que só tinha direito a dois ovos por semana.

Moravam do lado do riacho Yarkon, num daqueles clássicos apartamentos de Tel Aviv, modestos, mas acolhedores. Ela, de clara formação marxista, ainda assim adorava o Shabat. De luzes apagadas, no pequeno terracinho, olhava para Tel Aviv e cismava, onde foi que se perdeu o sonho sionista revolucionário?

De portas abertas, o apartamento era sempre invadido por grupos de jovens, geralmente voluntários, muitos brasileiros que vinham filar a boia e, talvez, encontrar um cantinho pra dormir uns dias.

Não gostava de Jerusalém, religião era um sufoco. Mas ela era uma mãezona, a mãezona de Tel Aviv.

Dubons

A encomenda dos amigos do Brasil era sempre a mesma: dubons, aqueles blusões militares, geralmente verdes (do Exército) ou azuis (da Força Aérea). Chana, a romena, mulher do Emanuel,

conhecia todos os fabricantes e distribuidores de tudo, em Israel. Assim, era com ela, uma cabeleireira travestida de sacoleira, que a gente ia a uns lugares estranhos, do lado de Yafo, para comprar os casacos.

Mas isso tinha um preço: jantar e pernoitar na casa deles. Um preço justo e agradável, o apê era confortável e a comida, maravilhosa. Sem contar com o passeio pelas ruas e alamedas de Bat Yam.

Oportunidade, aliás, em que ela nos crivava de perguntas a respeito dos conhecidos no Brasil. Era uma fofoqueira de marca maior!

Boca livre

Grandes reuniões com dirigentes e funcionários da Sochnut, em seu birô de Tel Aviv. Decisões drásticas, destinadas a revolucionar o movimento de *aliá* do Brasil.

Depois, hora do almoço. Os *haverim* israelenses escolhiam, sempre, o que de melhor Tel Aviv oferecia em termos de restaurantes. No início, a gente estranhava e temia — a conta devia ser alta, até vinho essa gente tomava. Depois, a revelação do companheiro Abraham, “é a nossa chance, a Sochnut paga a despesa”. A famosa boca livre.

Segurança

Fomos jantar na sexta-feira à noite em Yafo, num ótimo restaurante árabe. Aí pelas 11 da noite, hora de regressar ao hotel. Fomos caminhando pela praia. Noite bonita e, na areia, grupos e mais grupos de famílias inteiras, comendo, bebendo, ouvindo ou fazendo música, até curtindo um churrasquinho. Árabes, judeus, negros, brancos, amarelos. Uma longa caminhada pela noite de Yafo-Tel Aviv, até chegar ao hotel. Tudo na maior segurança, um passeio impossível de ser feito, daquele jeito, em Copacabana ou nas Pitangueiras.

Flanando pela Dizengoff

É claro que vocês conhecem a *Rehóv* Dizengoff, em Tel Aviv. *Lehizdanguef* é flanar pelos três quilômetros dessa rua comercial, com lojas de todos os tipos para todos os gostos e bolsos. Há restaurantes, bares e até alguma coisa parecida com os nossos botecos.

Mas, nas noites de sexta-feira, iniciado o Shabat, a Dizengoff adquire um cenário mágico. Foi num Shabat desses, há mais de 30 anos, que se deu o caso seguinte: quase todos os correspondentes da imprensa brasileira em Israel estavam presentes, num bar interessante daquela rua: Moisés Rabinovici, hoje editor do *Diário do Comércio*, provavelmente o melhor jornal de São Paulo — sugiro aos cariocas entrar no site e comprovar —, Mario Chimnovitch, Alessandro Porro, Eliezer Strauch, Isaac Akcelrud. Ficou faltando nessa mesa histórica o decano Nahum Sirotsky. Eu estava lá na qualidade de intruso. Em dado instante, começou uma acirrada discussão sobre Kafka e sua condição judaica. Eu diria até que houve ameaças de mútua agressão entre os jornalistas...

Lá pelas tantas, o dono (ou gerente) do bar se aproximou de nossa mesa: “Gente, para esta discussão, o lugar certo é aquele bar, do outro lado da rua. O garçom ruivo é a nossa maior autoridade em Kafka.”

No tal bar, encontramos uma mesa redonda ótima. O garçom ruivo anotou os pedidos e, inquirido pelo Isaac, pediu licença, tirou o avental, sentou à nossa mesa e, realmente, o cara sabia tudo sobre Franz Kafka. Foi uma senhora aula, num Shabat mágico, na mística Dizengoff.

Ah, e não pagamos a conta.

Coisas de Tel Aviv. Saudades. ■

Henrique Veltman, carioca, 72 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

Reprodução



A mesquita se destaca na orla

A região de Tel Aviv era um areal quase desabitado, e os judeus que moravam nos arredores, em Jafa, decidiram comprar terrenos do areal e construir uma cidade judaica modelo, com modernas construções e jardins.

Em abril vamos comemorar o 100º aniversário da cidade de Tel Aviv – hoje Tel Aviv-Yafo. Capital econômica, cultural e intelectual de Israel atualmente, ela surgiu com uma loteria!... Você já viu aquela foto antiga da criação da cidade? A história da conhecida foto está no site da **The Association for Tourism Tel Aviv - Jaffa** <http://www.visit-tlv.com/?CategoryID=170>. Superbonito e interessante, conta a história da fundação, a origem do nome e outras curiosidades em um texto curto e simples, em inglês.

A centenária

Fany Sechter Ruah / Especial para ASA



Neste mesmo site, em outra página, existe um livro que você pode ler online, muito bonito, com mais histórias e lindas fotos em preto e branco. É a edição oficial sobre o centenário da cidade –

http://digital.timeout.co.il/activemagazine/welcome/TLV_100ENG.asp. Clique sobre o livro para entrar ou no botão *Enter*, e vá passando as páginas na barra superior do programa.

Que tal conhecer a verdadeira Tel Aviv? O site **TEL AVIV INSIDER** <http://www.tel-aviv-insider.com/> se propõe a mostrar o lado que o turismo não mostra e que só os moradores conhecem. E vale a pena navegar, há links que estão em outras páginas, como a de História (History), com muitas dicas interessantes sobre vida noturna, locais de compras, passeios nas redondezas e caminhadas. Você sabe o que são Goldstar e Maccabi? São lours geladas, as cervejas da noite de Tel Aviv, que começa tarde e acaba só de madrugada...

Municipality Tourism - <http://www.tel-aviv.gov.il/English/Tourism/Sites/Index.htm>

- antes de viajar a Tel Aviv, ou apenas para conhecer melhor a cidade, visite este site da Prefeitura. Entre no link Tourist Sites à esquerda. Muitas informações curiosas e interessantes. O mapa das ruas da cidade, que pode ser impresso, está em http://www.inisrael.com/maps/Tel_aviv_map.cfm.

O site do centenário é o http://www.telavivfoundation.org/Tel_Aviv_100.htm. Se quiser conhecer alguns fatos sobre a cidade, clique no link

<http://www.telavivfoundation.org/Videosgeneralmovie2007.htm> e veja o filme, são histórias humanas e comoventes. No site existe a agenda de eventos em Tel Aviv e em várias outras cidades do mundo. Como não há nada previsto para o Rio de Janeiro na lista, que tal você juntar os amigos e pensar em fazer um evento especial sobre o centenário? Fica a sugestão... ■

Fany Sechter Ruah, arquiteta, radialista, profissional de Marketing e webmaster do portal judaico FanyZINE – www.fanyzine.com, é colaboradora do boletim ASA.



RECADASTRAMENTO DE SÓCIOS-PROPRIETÁRIOS DA ASA

Para atualizar dados e regularizar a situação perante a entidade, a ASA - Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação está recadastrando seus sócios-proprietários. Se você se enquadra nesta categoria, entre em contato com a secretaria da Associação pelos telefones 2539-7740 e 2535-1808, das 9 às 18 horas. Se preferir, obtenha informações pelo e-mail asa@asa.org.br.

Por se tratar de assunto de mútuo interesse, a ASA agradece antecipadamente a sua colaboração.

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Alberto Band - Advogado

Rua Álvaro Alvim, 48 / 405 - Centro - Telefone: 2220-2784

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Bufê próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Dr. Sérgio Fiser - Cirurgia plástica, estética, Botox,
preenchimento de rugas, câncer de pele

Rua Siqueira Campos, 43 / 608 - Copacabana - Telefone: 2257-0359

Mauro Ayselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globo.com

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

José Paulo Nebel - Psicólogo/ Psicanalista

Rua Benjamin Batista, 197/ 302 - Jardim Botânico - Telefone: 2286-5075

Estar juntos*

Gosto da festa de Pessach! Sobre-tudo da lembrança das festas da minha infância.

A minha *bobe* cozinhava como se precisasse alimentar todo o povo judeu no deserto durante 40 anos seguidos. Com minha *bobe* entre eles, a matsá nunca teria sido necessária, haveria uma lenda a menos, mas os judeus teriam demorado muito mais para chegar à Terra Prometida, de tão empanturrados.

Minhas tias e minha mãe cozinhavam mais alguma coisa “por via das dúvidas, vai que não é suficiente tudo o que a *bobe* fez” (isso queria dizer que, se alguns egípcios se cansassem do faraó e resolvessem aderir aos judeus em fuga, era preciso ter com que alimentá-los).

Nos Dez Mandamentos não está escrito “Não superalimentarás”, o que expunha a minha família a um alto nível de colesterol, mas não à heresia.

A minha *bobe* fazia frangos, fazia sopa com *kneidlach* (bolinhas de farinha de matsá), fazia um delicioso *holodets* (gelatina de frango ou de vitela), e também não podia faltar – eu não gostava – o *guefilte fish* (peixe recheado). Aposto que vocês não adivinham que peixe minha *bobe* usava para fazê-lo. Brótula!?... Friiii! Merluza!? Frio!... Peixe-rei!?... Frio! Dourado!? Frio! Sabem que peixe minha *bobe* usava? Esse segredo partiu com a história, nunca foi revelado...

Dias de trabalho, sem micro-ondas, sem geladeira nem lava-louças, e na lenha. A mesa impecável, com a toalha branca engomada! Com pratos, copos e talheres juntados de toda a família. Mas quem ligava... A única coisa realmente importante nessa festa era que estávamos todos juntos!

No *Seder*, eu adorava ver a cara que todos faziam ao experimentar o *hrein* (condimento à base de raiz forte). Alguns davam uma de “valentes”, outros faziam



**Cheguei uma vez a
imaginar um capataz me
chicoteando na cara e
gritando: “Come! Come!”**

uma careta, mais ou menos como a cara do faraó quando os judeus se mandaram pelo meio do Mar Vermelho.

O *zeide* Salomão, sentado à cabeceira, esquadrinhava os movimentos de todos e os dirigia apenas com o olhar. Com suas mãos de padeiro... que personalidade, que carisma!

Todos os anos contavam a mesma história de Moisés Rabeinu e, quando nos distraíamos, ficavam zangados.

Mas os escutávamos com a secreta esperança de que, naquele ano, a história terminasse diferente, que os judeus não tivessem que vagar tantos anos sob o sol do deserto (e isso que não havia o buraco de ozônio), ou que, em vez dos Dez Mandamentos, recebessem uma bola de futebol e a história do povo mudasse, ou que os judeus, em vez de irem para Canaã, fossem para um lugar com menos leite e mel, mas com um pouco de petróleo.

Todos os anos, a minha esperança era que, desta vez, algum dos meus primos recitasse o *Ma nishtaná* (eu estava condenado porque era o único que ia ao *shul*). De qualquer maneira, aprendi bem (quando esquecia, meu *zeide* me soprava).

Quanto mais se referiam aos tempos da escravidão e de sofrimento dos judeus no Egito, mais a *bobe* insistia que comêssemos, para compensar o déficit nutricional de nossos antecessores de 3 mil anos atrás. Cheguei uma vez a imaginar um capataz me chicoteando na cara e gritando: “Come! Come!”

Meus tios Shulem e Etel, Duve e Sofia, Nhato e Berta – todos apenas lembranças. Como eu gostava deles!

O *zeide* preparava um cálice para Eliahu Hanavi, e, embora ninguém o dissesse, todos sabíamos que, se o profeta chegasse a passar pela casa, não se livraria de nossa família com apenas um calicezinho, teria, pelo menos, que comer três pratos, ou levá-los numa quentinha.

Meus pais nunca precisaram discutir sobre com quais avós passaríamos o *Seder*. Quem tinha coragem de dizer “Não vou”...

Em Pessach, os judeus celebramos a nossa libertação dos egípcios, quando então passamos a depender de nós mesmos. Deixamos de ser escravos, ainda que meu pai e meus tios dissessem que trabalhavam como escravos.

Ao fim do *Seder*, eu me divertia com meus primos (os menores corriamos atrás dos maiores), e os adultos, ao som da vitrola à manivela, dançavam o tradicional *sher*.

Enfim, pensava eu, deixamos todos de ser escravos. Tivemos as nossas próprias leis, os Dez Mandamentos, embora meu tio dissesse que uma lei só, “viver e deixar viver”, bastaria, o resto era para dar serviço aos advogados.

Eu não sabia que do outro lado do mar havia judeus para quem ser escravos do Egito teria significado uma esperança.

Em Pessach, para variar, nós, judeus, nos fazemos perguntas. Perguntamos o *Ma nishtaná*, ou seja, “em que esta noite é diferente de todas as demais noites?”. E a resposta é que, nesta noite, nos perguntamos “em que esta noite é diferente de todas as demais noites?”, enquanto que nas demais noites nos perguntamos “o que tem para comer?”, “como foi o seu dia?”, “como as crianças foram na escola?”, “não quer ligar a televisão para ver o que é que está levando?”, etc.

Mas em Pessach sabemos o que tem

para comer, sabemos que as crianças não foram à escola porque é Pessach, e sabemos que não vamos ligar a televisão porque tem *Seder* e quem faz o espetáculo é a família.

Amo os Pessachim da minha infância, embora, quando eu era pequeno, não fosse hábito nós, crianças judias, faltarmos à escola pública e sentirmos que, uma vez na vida, esse negócio de “povo eleito” jogava a nosso favor.

Mas, quando o *zeide* nos dizia “fomos escravos no Egito”, nós acreditávamos, apesar de nunca termos nos afastado muito de nossas casas, em Montevideú. E, quando a *bobe* nos invadia com as suas sopas e o *guefilte*

fish, sabíamos que, além daquela sensação de empanzimento total, nada de ruim poderia nos acontecer, que nenhum faraó se atreveria a nos fazer seus escravos (e, além do mais, cheios do jeito que ficávamos, ao faraó não prestaríamos para nada).

Era como uma poção mágica, que nos daria a mesma força que durante mais de 4 mil anos manteve vivo o espírito judaico, aquilo que, em nossa diferença, nos iguala aos demais: somente a felicidade de estar juntos! ■

Publicado no site *Judíos Argentinos Gays (GLBT)*.

Tradução de **S.M.G.**

NOTAS

Documentário

Inaugurando a série de eventos que lembrarão o 70º aniversário do início da Segunda Guerra Mundial, exibimos, no dia 22 de janeiro, o documentário

A batalha de Berlim. Apesar da noite chuvosa, um bom público acompanhou as imagens da vitória do Exército Vermelho na capital do 3º Reich, que marcou o final

da guerra na Europa. Ao longo de 2009, outras programações, entre filmes e debates, analisarão as origens do nazifascismo e sua influência no pós-guerra.

Film Craiz

Estreou, no dia 5 de fevereiro, o **Film Craiz (Círculo de Filmes)** da **ASA**. *O Picolino* (Top Hat), com Fred Astaire e Ginger Rogers, clássico da época de ouro dos musicais de Hollywood, abriu a série. Na primeira quinta-feira de cada mês, às 16h30, na sala de vídeo, teremos sempre um bom filme, com entrada franca. A programação será anunciada através de nossa listagem virtual. Se você ainda não está nela, envie seu nome e e-mail para asa@asa.org.br e peça para ser incluído.

Coral

O **Coral da ASA** reiniciou suas atividades no dia 4 de fevereiro. Os ensaios são sempre às quartas-feiras, às 20 horas. Se você tem interesse em participar, entre em contato com a secretaria, das 9 às 18 horas.

Visita

O presidente da **ASA**, **Mauro Band**, o vice-presidente **Horácio Itkis Schechter**, e a ativista **Fany Cytryn** tiveram um encontro com a presidente do Executivo da **FIERJ**, **Lea Pustilnic Lozinsky**, no dia 2 de fevereiro. Trocaram idéias sobre a comunidade judaica e acertaram os ponteiros para regularizar a divulgação das programações da **ASA** pelos meios de comunicação da Federação.



Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Carnaval

Um grito de carnaval como nos velhos tempos. Assim foi o programa do dia 15 de fevereiro. Apresentado pelo diretor **Jacques Gruman**, o carnavalesco **Amarildo de Mello** falou sobre a história do carnaval. Destacou suas origens remotas e as ligações religiosas e profanas, passou pelas marchinhas e escolas de samba e projetou o futuro desta festa popular. O grupo **Botando as Asas de Fora**, formado por integrantes do **Coral da ASA**, cantou uma coletânea das marchinhas mais conhecidas. Tudo terminou, como não podia deixar de ser, em festa, *Cidade Maravilhosa* como saideira.



Amarildo de Mello faz a palestra; à esquerda, o diretor Jacques Gruman



Com confetes e serpentinas, o público brincou ao fim do espetáculo



O grupo Botando as Asas de Fora e Amarildo de Mello

Na **ASA**

Entrada franca

45 ANOS DO GOLPE MILITAR



No dia 31 de março de 1964, militares depuseram o presidente João Goulart e implantaram uma ditadura que durou 21 anos.

A **ASA**, o grupo **Tortura Nunca Mais** e a **Casa da América Latina** promovem dois eventos para lembrar o período ditatorial, a luta pela redemocratização e os impactos do regime militar no Brasil de hoje.

DIA 22 DE MARÇO, DOMINGO, ÀS 17 HORAS, NA SALA DE VÍDEO

Exibição do documentário **Tempo de Resistência**, de André Ristum. A partir do depoimento de mais de 30 pessoas diretamente envolvidas na resistência à ditadura, com imagens de arquivo, o filme revela a história das duas décadas negras. Músicas de Chico Buarque, Francis Hime e Geraldo Vandré.

DIA 29 DE MARÇO, DOMINGO, ÀS 17 HORAS, NO AUDITÓRIO

Palestras com o professor de História **Fernando Vieira**, o diretor de Direitos Humanos da Casa da América Latina **Modesto da Silveira** e a vice-presidente do grupo Tortura Nunca Mais **Victoria Grabois**. Os temas irão da decretação do AI-5, em 1968, até as memoráveis campanhas pela anistia e por eleições diretas para presidente da República, passando pelos anos de chumbo da resistência aos ditadores.

Participação especial do **Coral da ASA**, que cantará músicas daquele período (Chico Buarque, Tom Jobim, Geraldo Vandré, Paulinho da Viola, Milton Nascimento, entre outros).

Programas fundamentais, especialmente para os jovens que desconhecem a experiência sufocante de um regime totalitário.

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001